

Dr. Robert Vannoy, Kings, Palestra 4

© 2012, Dr. Robert Vannoy, Dr. Perry Phillips, Ted Hildebrandt

Texto dos Reis, História Deuteronomista, Grandes Ênfases

Texto dos Reis no Texto Massorético (MT) e na Septuaginta (LXX)

Bem, vamos dar uma olhada na seção de texto então, e então o que acabei de distribuir, vamos começar com o versículo 15 e continuar. Agora, todo esse material é apenas um tipo introdutório de coisas, até onde eu coloquei nas apostilas. Lembre-se, na semana passada, discutimos os nomes, conteúdo geral, estrutura do livro, autoria, fontes, idade da composição e, na página 13, chegamos ao “texto”. Então, vamos olhar primeiro para a seção de texto, e então iremos para o novo folheto. *A Introdução ao Antigo Testamento* de RK Harrison diz que o texto hebraico dos reis contém numerosas corrupções e, para fins de reconstrução, a versão da Septuaginta é uma ajuda inestimável. É mais curto que o texto massorético e pensado para preservar variações mais confiáveis. Em geral, a LXX é baseada em uma forma mais pura do hebraico do que a que existe agora. Fragmentos dos livros dos Reis foram recuperados das cavernas de Qumran e parecem apoiar a visão de que existiu outrora um texto hebraico que estava mais próximo, em sua maior parte, daquele subjacente à Septuaginta do que do texto massorético, e que em certos casos, é superior a ambos.

Por exemplo, o que parece ser um segundo relato da ruptura do reino foi interpolado após 1 Reis 12:24 da versão da Septuaginta. Ele narrou os eventos relacionados à morte de Salomão e ao reinado de Roboão e forneceu um relato da revolta de Jeroboão com alguma repetição de material de 1 Reis 11 e 12. Sweet conta que essa interpolação constituiu uma segunda e distinta rescensão da ruptura história, descansando igualmente com o primeiro em um original hebraico. Qualquer que seja o valor deste relato particular, não há dúvida de que a Septuaginta e, ocasionalmente, a rescensão Luciana dela, são indispensáveis para o estudo textual do livro dos Reis.

Agora isso é um material bastante técnico. Não quero entrar na discussão do texto de Reis. O texto de Reis em alguns aspectos é semelhante ao texto de Samuel; é muito

complexo porque obviamente há, no decorrer da transmissão, alguns erros que se infiltraram no texto . Também parece bastante óbvio que a Septuaginta é baseada em uma tradição hebraica diferente quanto aos antecedentes, e o presente texto hebraico é baseado no texto massorético, então comparar pontos de diferença no que diz respeito a questões textuais se torna uma questão altamente técnica. É um assunto complexo, e acho que na maioria dos casos há muita incerteza se em um determinado caso você prefere a leitura da Septuaginta à leitura massorética. Não vamos ter a impressão errada de que o texto de Reis é algo totalmente duvidoso. Eu diria que essas diferenças geralmente são pontos menores que não afetam a compreensão substantiva do texto. Em alguns casos, por exemplo, você terá um substantivo com um artigo e algum texto hebraico, mas sem o artigo na Septuaginta. Portanto, muitas das variações são coisas muito pequenas desse tipo, mas existem diferenças e parece que, em certos casos, a Septuaginta pode preservar uma leitura preferível.

Embora Harrison, para continuar aqui, esteja indubitavelmente correto ao atribuir um papel importante à Septuaginta nos estudos textuais dos Reis em geral, há uma área em que parece que isso não ocorre, a saber, a cronologia. Por muito tempo se pensou que as cronologias de Kings não eram confiáveis. Aparentemente, os tradutores da Septuaginta compartilhavam desse ponto de vista e frequentemente alteravam os números do texto na tentativa de eliminar alguns desses problemas. Edwin Thiele, em *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, demonstrou que o texto massorético, corretamente compreendido, preservou com precisão os dados cronológicos que, embora não compreendidos, foram transmitidos corretamente através dos séculos.

Sincronização da Cronologia dos Reis do Norte e do Sul Acabei de referir que penso que na última aula tivemos a sincronização dos reinados dos reis do norte e do sul. Quando você tenta resolver isso simplesmente somando os números, eles ficam fora de sincronia por um longo tempo, por centenas de anos. Isso era algo para o qual não havia solução até que Edwin R. Thiele escreveu este livro, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings* , e

descobriu uma maneira de resolver essas diferenças. Mas você vê o que está sendo feito: apesar do fato de que os reinos aparentemente não sincronizam, eles foram mantidos no texto, o que é realmente um testemunho da precisão da transmissão de pelo menos aquela parte do texto. Você esperaria que algo acontecesse, algo como com a Septuaginta, alguma modificação se fosse um aparente problema de sincronização. Portanto, parece que pelo menos nessa área o texto massorético preservou o texto preferível. Como Gray *1 e 2 Reis*, página 45, diz: "Os números da Septuaginta representam esforços de harmonização da cronologia de notória complexidade. Normalmente, eles simplesmente complicam o problema e revelam ignorância dos sistemas de datação em Israel e Judá. Depois de entender o sistemas de datação, muitas dessas dificuldades de sincronização desaparecem." Mas até que isso fosse discutido por Thiele, havia muito pouco entendimento do problema.

Resta muito trabalho a ser feito na avaliação do texto de Reis. Veja o artigo, "The Textual Criticism of the Old Testament", de Bruce Waltke em *The Biblical Criticism: Historic, Literary and Textual*, Zondervan, 1978. Então, acabei de mencionar isso sobre os textos para que você tenha pelo menos alguma ideia de aquela questão.

Vamos para essa nova apostila. Thiele está sendo impresso agora na nova edição, uma edição mais recente do que a edição anterior. Ele também escreveu uma espécie de resumo breve e popularizado de sua obra mais ampla. Foi publicado, e acho que se chamava, *A Cronologia dos Reis Hebreus*, e esse é um pequeno livro de bolso que foi realmente um bom resumo do trabalho maior; mas aquele pequeno livro de bolso ainda não está sendo impresso, infelizmente, mas o trabalho maior está.

História Deuteronomista A teologia deuteronomista da história nos últimos 35 ou 40 anos viu surgir um debate completo, complexo e contínuo sobre a natureza e o propósito do que foi chamado de "História Deuteronomista". Grande parte desse debate diz respeito ao objetivo teológico, ou propósito, do historiador, ou historiadores, que compuseram esta história. Lembre-se de que mencionei na semana passada o termo "História Deuteronomista". Você pode usar esse termo de uma maneira que eu veria como legítima,

e também pode ser usado de uma maneira que eu acho que viola uma visão elevada das Escrituras. O próprio termo foi popularizado por Martin Noth, que é sua ideia de que havia um escritor vivendo no período exílico que foi influenciado pelo livro de Deuteronômio. É claro que Noth entendeu que o livro de Deuteronômio não era mosaico, mas de 621 aC, época de Josias, pouco antes do exílio. Mas esse escritor que viveu no exílio foi influenciado pela teologia do Deuteronômio e então compôs todo o corpus de material desde o livro de Deuteronômio até o final de 2 Reis. Mas Deuteronômio foi um prefácio, pode-se dizer, para sua obra. Ele contém sua teologia que ele queria refletida no restante da obra, então Josué, Juízes, Samuel e Reis são todos influenciados por essa história deuteronomista.

Ela representa a história de todo o período da história de Israel em Canaã, escrita sob a perspectiva de um teólogo agrônomo, ou seja, a História Deuteronomista. Agora, considere as consequências. Isso o força a entender que muito do que está escrito nessa história não é uma escrita histórica confiável porque ele distorceu a história com visões registradas que se encaixam nesse molde teológico. Ele está escrevendo tarde, projetando sua teologia em tempos anteriores e, ao fazer isso, está forçando as coisas a se adequarem a esse padrão que na realidade nunca ocorreu. Parece-me que essa visão é algo incompatível com a Bíblia como Escritura.

No entanto, você pode usar esse termo para refletir algo que considero verdadeiro, ou seja, os livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis refletem as ideias teológicas do livro de Deuteronômio. Eu não acho que haja qualquer dúvida sobre isso. A questão é que Deuteronômio deveria ser colocado onde a Bíblia o coloca, no tempo de Moisés, explicando o relacionamento do Senhor com seu povo na Aliança do Sinai. Essa relação é o que governou o curso dos eventos ao longo dos séculos. Assim, os escritores, que eu não veria como um escritor vivendo no exílio, mas o escritor do livro de Josué, o escritor do livro de Juízes, o escritor de Samuel, o escritor de Reis, eram todas pessoas que se mudaram para aquela corrente de pensamento.

Então, quando eles construíram sua história daqueles vários períodos, eles

contaram esta história, como as coisas aconteceram, e as coisas aconteceram como haviam sido programadas, pode-se dizer, do livro de Deuteronômio. O Senhor disse que se você for obediente, haverá bênção; se você se afastar, haverá xingamentos. A história de Israel refletiu isso, acontecendo ao longo dos séculos. Então, nesse sentido, você pode dizer que há uma maneira legítima de falar sobre a teologia deuteronômista da história, mas vamos um pouco mais longe.

Caráter, Propósito e Ênfases dos Reis A. O escritor apresenta uma História dos Reis de Israel e Judá a partir de uma

Perspectiva da Aliança Um é o caráter e o propósito de 1 e 2 Reis conforme visto por suas ênfases e estrutura. Em geral, acho que as seguintes observações podem ser substantiadas pela reflexão sobre 1 e 2 Reis:

A. O escritor apresenta uma história dos reis de Israel e Judá a partir de uma perspectiva de aliança. A tese orientadora é que o bem-estar da nação dependia da obediência do rei e do povo às suas obrigações pactuais definidas na Aliança Mosaica. Acho que esse é um princípio fundamental do livro de Reis. Acho que também se aplica ao material de Josué, Juízes e Samuel. Quando você vem para Reis, você está falando sobre o Período do Reino, e você tem uma história desse período de uma perspectiva de aliança. A tese norteadora é que o bem-estar da nação depende da obediência do rei e do povo às suas obrigações pactuais.

B. Avaliação profética da história de Israel com base no princípio da aliança

B. A análise da história de Israel a partir dessa perspectiva da aliança pode ser encontrada em Josué a 2 Reis. Esses livros são chamados coletivamente de “Os Antigos Profetas” na tradição judaica. Em um sentido muito real, pode-se dizer que esses livros contêm uma avaliação profética da história de Israel, com base no princípio da aliança. Acho que o termo “Ex-Profetas” é uma boa designação para o que normalmente chamamos de livros históricos.

Muitas vezes pensamos na história como um tipo objetivo e separado de cronologia de eventos. Mas acho que a escrita da história real sempre envolve perspectivas. Um historiador está avaliando o que aconteceu de acordo com certos critérios, julgando as coisas e anotando qualquer que seja o ponto de partida. Os escritores desses livros de Josué a 1 e 2 Reis estão trazendo essa perspectiva da aliança para sua avaliação do que estava acontecendo em Israel. Isso se reflete, eu acho, de uma interpretação profética, você pode dizer. É uma narrativa do significado do que estava acontecendo. É uma interpretação profética, que eu diria, é uma interpretação inspirada. É nesse sentido que temos diante de nós a visão do próprio Deus sobre qual era o significado desses eventos.

A história é uma coisa muito misteriosa. Se você tentar avaliar a importância ou o significado dos eventos, como Deus está trabalhando e o que Deus está fazendo na história, você terá muitas opiniões diferentes. Você pergunta a uma pessoa, seria uma coisa, e a todo mundo seria outra coisa. Pode ser uma coisa muito indescritível. A menos que você tenha a palavra divina que interpreta, acho muito difícil entender exatamente como avaliar o que está acontecendo. Isso é o que temos em Josué, Juízes, Samuel e Reis; é uma interpretação inspirada da história.

C. Ponto de vista da aliança do autor/compilador de Kings

C. A seleção e o caráter do material incorporado em 1 e 2 Reis devem ser entendidos e avaliados em conexão com o ponto de vista da aliança de seu autor/compilador. Agora, digo autor/compilador simplesmente porque acho que o autor de 1 e 2 Reis foi alguém que usou fontes. Conversamos sobre isso na semana passada. Ele tinha uma variedade de fontes à sua disposição; ele os utilizou, juntou-os e criou este livro, mas fez isso de forma unificada; então você pode chamá-lo de autor/compilador. O propósito do autor não era apresentar uma história política e econômica do período do reino de Israel de acordo com os princípios da historiografia secular moderna. Não era seu propósito. O escritor faz um julgamento de aliança, em vez de político-econômico, sobre os significados de vários reis e

suas ações.

Por exemplo, do ponto de vista do historiador secular, Onri foi um dos reis mais importantes do Reino do Norte. Mas seu reinado é descartado em seis versículos, 1 Reis 16:23-28. Omri é mencionado nos registros sírios cem anos depois de seu tempo como um rei importante no Reino do Norte. Você pode esperar que um israelita dê muita atenção à imprensa para Onri. Ele estabeleceu Samaria como a capital do Reino do Norte e estabeleceu uma dinastia que durou muito tempo. Ele foi um rei importante. Não é dado muito interesse pelo escritor de Reis: seis versos.

De maneira semelhante, o importante papel de Jeroboão II do norte é brevemente tratado em 2 Reis 14:23-29. Jeroboão II levou o Reino do Norte ao seu auge em um sentido político e econômico, estendendo até mesmo suas fronteiras muito, muito ao norte. Mas Jeroboão não tem muita importância no que diz respeito ao escritor dos Reis.

Josias como exemplo Como outro exemplo, o autor não nos diz nada sobre os primeiros 18 anos do reinado de Josias, mas começa uma descrição de seu governo com a reforma iniciada no 18º ano de seu reinado. 2 Reis 22:3 segue. Há alguns capítulos ali sobre a reforma de Josias, quando ele chamou Israel de volta ao Senhor e observou a Páscoa. Eventos políticos importantes no antigo oriente próximo envolvendo Egito, Babilônia, Assíria e uma grande mudança no poder geopolítico da Síria para a Babilônia são ignorados, exceto porque estão relacionados à morte de Josias. Na época de Josias, você teve uma grande transição de poder acontecendo no mundo antigo. Essa transição de poder foi a mudança da dominação assíria para a dominação babilônica. O Egito se envolveu nessa mudança de poder. Mas veja, esse é um daqueles pontos de virada de grande importância no que diz respeito à história política. Kings nem menciona isso. Kings diz qualquer coisa sobre isso. A única razão pela qual você tem qualquer indício de algo assim é porque o faraó Neco do Egito subiu para ajudar os assírios.

Josiah, por alguma razão, Kings também não nos conta isso, mas ele saiu para tentar parar Neco e foi morto, e nos contaram como ele foi morto nesta batalha com o faraó Neco,

mas essa é a única razão pela qual foi criado. Não há nenhuma tentativa de avaliar o que estava acontecendo no cenário político internacional. Nada é dito sobre os motivos que levaram Josias a se opor ao faraó Neco. Em vez disso, a preocupação é se os reis tiveram desvios notáveis da aliança ou renovações notáveis da aliança. Estes recebem mais atenção. Alguém como Josias, alguém como Ezequias, que teve reformas, renovações da aliança, recebe muita atenção. Então você pega alguém como Manassés ou Acabe, que se afastou da aliança e levou o povo à idolatria. Eles também poderiam receber muita atenção. Mas os reis que recebem mais atenção, você vê, são aqueles reis que exibem atitudes notáveis favoráveis ou desfavoráveis em relação às responsabilidades da aliança; são eles que chamam mais atenção.

Manassés como Exemplo Manassés, 2 Reis 21:1-19, é um exemplo de desvio da aliança. Aqui, novamente, é a desobediência à aliança que é enfatizada, e não as características políticas de seu reinado, como, por exemplo, seu envolvimento na política assíria no Egito, que é totalmente ignorado em 2 Reis. É conhecido por nós apenas pelos registros assírios, onde Manassés é mencionado em um texto de Esarhaddon e Ashurbanipal. Veja bem, quando Kings trata do reinado de Manassés, não entra em seu envolvimento na cena política e internacional. Ele estava envolvido porque esses registros assírios fazem referência a isso. Kings não nos diz nada sobre isso. Kings nos conta sobre a maneira como ele se afastou do Senhor e a deportação de Manassés para a Babilônia. Ele foi deportado para a Babilônia pelos assírios; houve uma luta pelo controle da Babilônia na época entre babilônios e assírios, e este foi o início da ascensão da Babilônia. Mas a deportação de Manassés para a Babilônia e seu arrependimento posterior são relatados apenas em 2 Crônicas 33:10-13. Nem mesmo somos informados sobre isso em Reis.

Acabe é outro governante que recebeu tratamento extensivo, não tanto por sua extraordinária importância política, mas por causa das sérias ameaças à fidelidade à aliança que surgiram em Israel durante seu governo.

Do lado positivo, Ezequias e Josias recebem tratamento extensivo por causa de seu

envolvimento na renovação da aliança. É nesta perspectiva que se diz que todos os reis do norte fizeram mal aos olhos do Senhor e andaram no caminho de Jeroboão, filho de Nebate, que fez Israel pecar. Jeroboão, filho de Nebate, é o primeiro rei do período do Reino Dividido do norte, e ele estabeleceu aqueles bezerros de ouro em Dan e em Betel. Todos os reis do norte depois dele seguiram essa prática, e dizem que eles fizeram o mal aos olhos do Senhor.

Tudo bem, esse era “C”, cuja ideia básica é que a seleção e o caráter do material incorporado em Reis devem ser entendidos a partir dessa perspectiva da aliança. Não é um tipo de avaliação político-econômica do período do reino em Israel – é uma avaliação da aliança.

D. O autor enfatiza a inter-relação entre profecia e cumprimento

D. O autor enfatiza a inter-relação entre profecia e cumprimento nos desenvolvimentos históricos da experiência da nação de Israel. Há muita ênfase na profecia e no cumprimento. Em outras palavras, coisas aconteceram na experiência histórica de Israel. Somos avisados com antecedência, e então eles aconteceram. Como Gerhard von Rad, *The Deuteronomic Theology of History and 1 and 2 Kings*, em “The Problem of the Hexateuch and Other Essays”, apontou, a previsão e o cumprimento permeiam todo o livro dos Reis. Ele lista onze exemplos disso em que normalmente o cumprimento é introduzido com alguma expressão como: “De acordo com a palavra do Senhor, que ele falou pela boca de [um determinado profeta]”, ou alguma citação de cumprimento semelhante. Você se depara com isso onze vezes. O resultado dessa ênfase no livro dos Reis é que a história desse período é apresentada não como uma combinação caótica de acontecimentos produzidos pela confluência acidental de certos eventos, mas sim o curso da história de Israel é determinado por um Deus soberano que governa toda a história e está guiando o próprio destino histórico de Israel de acordo com seus propósitos.

Essa é uma perspectiva da história, de que existe um Deus que controla a história e que pode dizer com antecedência que isso ou aquilo vai acontecer, e acontece. Você

encontra esse tipo de sequência em Reis: profecia e cumprimento à medida que avança por esse período da história.

E . Os próprios profetas como mensageiros do convênio têm destaque

E. Não apenas a profecia e o cumprimento desempenham um papel importante na estrutura do livro dos Reis, mas os próprios profetas em seu papel como mensageiros da aliança recebem destaque. Elias e Eliseu recebem extensa cobertura em suas tentativas de afastar o povo da idolatria e devolvê-los à obediência à aliança. Elias e Eliseu provavelmente recebem mais atenção nos livros dos Reis do que quaisquer outros dois indivíduos. Eles são muito proeminentes; há muito material dedicado ao ministério de Elias e de seu sucessor Eliseu. Outros profetas cujos ministérios são mencionados incluem: Aías, 1 Reis 11:29; Semias, 1 Reis 12:22; Jeú, 1 Reis 16:1; Micaías, 1 Reis 22; Hulda, 2 Reis 22:14; Jonas, 1 Reis 14:23-27; e Isaías, 2 Reis 19. Observe, apenas os dois últimos, Jonas e Isaías, são os chamados profetas canônicos, ou escritos, que nos deram um livro da Escritura que leva seu nome. Os outros profetas, eles podem ter escrito, podem não, mas se o fizeram, não foi preservado e incluído no cânon das Escrituras. Mas há uma grande ênfase nos profetas e no papel dos profetas em chamar os reis à obediência ao caminho da aliança.

F. A promessa do Senhor a Davi misturada com obediência/desobediência à aliança

F. Embora o escritor enfatize a obediência ou desobediência de Israel às obrigações da aliança como de importância decisiva para o destino histórico, ao mesmo tempo ele reconheceu o significado de longo alcance da promessa do Senhor a Davi - que sua dinastia duraria para sempre. Esse compromisso divino com a casa de Davi e com a cidade de Jerusalém, na qual ele fez habitar seu nome, também foi um fator na determinação da experiência histórica de Israel. Isso é perceptível nas referências à “lâmpada” que o Senhor havia prometido a Davi.

Vejamos algumas de suas referências para que você possa ver do que estou falando. 1 Reis 11:36: “Este é o tempo da divisão do reino e o Senhor diz: “Darei uma tribo a seu filho, [isto é, filho de Salomão] para que Davi, meu servo, sempre tenha uma lâmpada diante de mim em Jerusalém, a cidade onde escolhi colocar o meu nome”. Quando Salomão se afastou do Senhor e Jeroboão se rebelou na época da sucessão de Roboão ao trono de Judá, o Senhor disse que preservaria a linhagem de Davi dando a tribo de Judá a Roboão. A razão para isso é para que “Davi, meu servo, tenha sempre uma lâmpada diante de mim em Jerusalém”. A razão para isso é que Deus havia prometido a Davi aquela dinastia eterna, e essa promessa tem efeito no curso da história. O Senhor preservou o trono de Davi por causa de sua promessa.

Veja 15:4: “Todavia, por amor de Davi, o Senhor seu Deus lhe deu uma lâmpada em Jerusalém, suscitando um filho para sucedê-lo e fortalecendo Jerusalém. Pois Davi fez o que era reto aos olhos do Senhor e não deixou de cumprir nenhum dos mandamentos do Senhor todos os dias de sua vida, exceto no caso de Urias, o heteu”.

Veja, esse versículo deve ser lido com o que vem antes. Estamos falando de Abias e você lê no versículo 3: “Cometeu todos os pecados que seu pai havia cometido antes dele. Seu coração não era totalmente dedicado ao Senhor seu Deus como o coração de Davi, seu antepassado. No entanto, por amor de Davi, o Senhor lhe deu uma lâmpada em Jerusalém, suscitando um filho para sucedê-lo”.

Veja, o que estou tentando enfatizar é que a promessa a Davi também é um fator na maneira como o curso da história de Israel se desenvolve. Há uma série de outras referências a que 2 Reis 8:19 é outra. Também aparece em referências mais gerais à promessa a Davi (1 Reis 8:20, 25; 9:5), e o impacto que isso teve em desenvolvimentos históricos específicos na história posterior de Judá. Veja 1 Reis 11, 12 e 13:11-32. O escritor de Reis está muito ciente de que outra coisa que foi um fator importante no curso da história de Israel foi a promessa que o Senhor havia feito a Davi.

G. A vida e o reinado de Davi são o padrão ideal pelo qual as vidas dos reis posteriores são

medidas G. O escritor de Reis não apenas enfatiza a promessa divina a Davi e sua casa e a influência que isso teve na experiência histórica de Israel, mas também usa a vida e o reinado de Davi como o padrão ideal pelo qual as vidas dos reis posteriores são medidas. E é aí que encontramos essa frase com frequência, apenas lemos uma delas, mas deixe-me escolher uma aqui arbitrariamente. Veja 15:11 porque está no mesmo capítulo em que estamos abertos em 15:11 é: “Asa fez o que era reto aos olhos do Senhor, como seu pai Davi havia feito.” Veja, esse tipo de expressão onde alguém faz algo pelo qual é elogiado, e então uma comparação é feita com Davi como o padrão pelo qual os reis são julgados, sendo Davi o ideal - isso é feito com frequência. Nisso o escritor mostra uma atitude positiva em relação à instituição da realeza em geral, e especificamente à de Davi. Não acho que se possa dizer que o escritor de Reis tenha uma atitude totalmente negativa em relação à realeza. Agora, é verdade que os reis sempre ficam aquém do ideal e são condenados por isso, mas isso não significa que o escritor tenha uma visão totalmente negativa da realeza. Acho que isso se reflete na maneira como ele fala de David.

H. _ Propósito de explicar a um povo no exílio o motivo da humilhação por terem quebrado o pacto 2 Reis foi escrito para explicar a um povo no exílio que o motivo de sua condição de humilhação é que eles eram um povo que quebrava a aliança. Lembre-se que está escrito no exílio. Eles passaram por julgamento, e aqui está a explicação do porquê, ao olharem para trás em sua história. Eu acho que é muito claramente explicado para eles. Deus é santo e justo ao trazer o exílio sobre eles.

Vemos isso a respeito do Reino do Norte em 2 Reis 17:6-23. Vejamos isso. Acho que é um capítulo importante porque é a queda do Reino do Norte e, quando isso acontece, é dada a explicação de por que o Reino do Norte foi para o exílio. Você lê nos primeiros 5 ou 6 versículos como os assírios vieram, invadiram Samaria, a capturaram e então deportaram os israelitas para a Assíria.

Veja o versículo 7: “Tudo isso aconteceu porque os israelitas pecaram contra o Senhor, seu Deus, que os tirou do Egito, de debaixo do poder de Faraó, rei do Egito. Eles

adoravam outros deuses e seguiam as práticas das nações que o Senhor havia expulsado de diante deles, bem como as práticas que os reis de Israel haviam introduzido. Os israelitas fizeram secretamente coisas contra o Senhor seu Deus que não eram certas. Da torre de vigia à cidade fortificada, eles construíram lugares altos em todas as suas cidades .

Ergueram pedras sagradas e postes sagrados em todas as colinas altas e debaixo de todas as árvores frondosas. Em todos os lugares altos queimavam incenso, como haviam feito as nações que o Senhor havia expulsado de diante deles. Eles fizeram coisas perversas que provocaram a ira do Senhor. Eles adoravam ídolos, embora o Senhor tivesse dito 'Você não fará isso'. O Senhor advertiu Israel e Judá por meio de todos os seus profetas e videntes: 'Afastem-se de seus maus caminhos. Observai os meus mandamentos e decretos, conforme toda a Lei que mandei a vossos pais obedecerem e que vos transmiti por intermédio dos meus servos, os profetas.'"

1 . Profetas chamando-os de volta ao convênio

Veja, essa era a função dos profetas, arrastá-los de volta ao pacto, arrastá-los de volta à obediência à lei. “Mas eles não quiseram ouvir e foram obstinados como seus pais, que não confiaram no Senhor seu Deus.” E há o versículo 15: “Eles rejeitaram os seus decretos e a aliança que fizera com seus pais, e as advertências que lhes dera.” Esse é o cerne da questão. “Eles rejeitaram seus decretos e a aliança.” Eles seguiram ídolos; eles imitaram as nações. Versículo 16: “Eles abandonaram os mandamentos do Senhor.” Versículo 18: “Então o Senhor se indignou contra Israel e os removeu de sua presença”. Essa é a questão, e o livro dos Reis explica a um povo no exílio por que eles estão nessa situação em que se encontram.

Observe como o versículo 18 continua; porque este capítulo está no contexto da queda do Reino do Norte. Claro, o escritor está vivendo no exílio, ele está vivendo na época em que o Reino do Sul fez a mesma coisa. E então, veja o que ele diz: “Somente a tribo de Judá foi deixada, e até mesmo Judá não guardou os mandamentos do Senhor seu Deus”. Veja, é o mesmo julgamento que vem sobre Judá. Mesmo Judá não guardou os

mandamentos do Senhor seu Deus, eles seguiram as práticas que Israel havia introduzido. Portanto, o Senhor rejeitou todo o povo de Israel. A explicação do capítulo 17 é, na verdade, uma explicação de por que não se aplica apenas ao norte, mas igualmente ao sul. E esse é o problema. Eles rejeitaram a aliança. Então ele os afligiu, entregou-os nas mãos de saqueadores, até que os expulsou de sua presença; isso está falando de Judá, o Reino do Sul. Ok, então vemos isso a respeito do Reino do Norte em 2 Reis 17:6-23. Vemos isso com relação ao Reino do Sul em 2 Reis 17:18-20 naqueles dois versículos que acabamos de ver.

2 Reis 21 nos fala sobre o reinado de Manassés. E quando você lê sobre o reinado de Manassés, o mais perverso dos reis do sul, o Senhor diz que por causa de Manassés, o exílio de Judá é inevitável. Vai chegar, está determinado, está definido. Posteriormente a Manassés, você encontra com Josias uma reforma, mas não é suficiente. É tarde demais nesse ponto porque o julgamento foi determinado. Em 2 Reis 22 e 23 a reforma sob Josias é vista como muito pequena e muito tardia (Ver 2 Reis 23: 26 e 27). Os versículos 26 e 27 dizem: “Todavia, o Senhor não se desviou do furor da sua ira, que ardeu contra Judá, por causa de tudo o que Manassés tinha feito para provocá-lo à ira. Então o Senhor disse: 'Também removerei Judá de minha presença, como removi Israel, e rejeitarei Jerusalém, a cidade que escolhi, e este templo, sobre o qual eu disse: 'Ali estará o meu nome'”. O fato de ele ter feito com que seu nome habitasse no templo em Jerusalém não era algo que de alguma forma automática garantiria a sobrevivência contínua de Judá enquanto eles persistentemente se afastavam dele. Então o livro é basicamente uma análise retrospectiva da história de Israel, dada para explicar os motivos da destruição de Jerusalém e a experiência do exílio.

Isso não significa, porém, que tudo esteja perdido e que não haja esperança para o futuro. O escritor mantém a promessa a Davi em vista ao longo da história. Apesar da desobediência de Israel e da conseqüente realização das maldições da Aliança do Sinai, as implicações de sua promessa a Davi para o futuro de Israel não são trabalhadas ou comentadas. Mas a promessa é destacada no livro dos Reis como uma base sobre a qual

Israel pode olhar para o futuro com boas razões para ter esperança, em vez de desespero. É a esse respeito que von Rad em seu artigo “O Problema do Hexateuico” diz sobre 2 Reis 25:27-30 - essa é a última seção do livro onde Joaquim, que havia sido levado para a Babilônia e colocado na prisão é libertado da prisão na Babilônia. Von Rad diz : “Obviamente, nada é dito aqui em termos estritamente teológicos. ... De qualquer forma, o leitor deve entender esta passagem como uma indicação do fato de que a linhagem de Davi não chegou a um fim irrevogável. No final do livro, a linhagem de David ainda está intacta. Joaquim ainda está vivo; ele foi libertado da prisão. Você não sabe o que vai acontecer além disso. O escritor não especula. Tudo bem, tudo isso estava sob este título, “O caráter e o propósito de 1 e 2 Reis conforme visto nestas ênfases e estrutura”.

2. História Deuteronomista de Martin Noth e Gerhard von Rad

Deixe-me apenas dar uma ideia dos tipos de ênfase que você vê e como isso reflete no propósito do livro. Tudo bem, “2” “Alguns breves comentários sobre as abordagens da história deuteronomista defendidas por Martin Noth e Gerhard von Rad.” Primeiro Martin Noth, ele foi o criador de toda esta "História Deuteronomista" no sentido técnico do termo. Martin Noth propôs a ideia de que todo o Deuterônomo até 2 Reis foi obra de um historiador deuteronomista da Era do Exílio. A maioria vê, no entanto, que esta história deuteronomista carece completamente de uma visão para o futuro. O único interesse está no passado. Ele não vê dimensão escatológica na obra e diz que o historiador deuterônomico em nenhum lugar afirma ou insinua que a história de Israel pode ter uma continuação além do desastre trazido sobre eles por Deus por causa de seu pecado. É uma história acabada. Ele observa que 2 Reis 25:27-30 não contém nenhuma referência à restauração futura, nem de forma alguma se presta a tal interpretação. Essa perspectiva negativa que Noth vê como consistente com Deuterônomo, que pronunciou maldições por desobediência.

Agora, se você conhece Deuterônomo, pode dizer: “E quanto a Deuterônomo 30?” Isso diz que o Senhor trará o arrependimento e, quando isso acontecer, a diáspora retornará.

Noth vê Deuteronômio 30:1-4 como uma adição posterior. É tudo da série crítica. Quando uma passagem como essa não se encaixa na teoria, sempre se diz que originalmente não existia. Parece claro que neste ponto de vista há uma falha em dar atenção suficiente à promessa davídica e sua função nas narrativas dos Reis. Eu acho que é algo que é esquecido. Sua avaliação é tão negativa e, no entanto, aquele tema davídico que percorre o livro é algo positivo. Reconhecidamente, aqueles reis que vieram na linhagem de Davi não viveram de acordo com o ideal, mas mesmo assim essa promessa permanece intacta. “Eu darei a vocês uma dinastia que perdure” remonta a 2 Samuel 14:7.

Von Rad & Heilsgeschichte [História da Salvação]

Vamos para von Rad. Tanto Noth quanto von Rad são estudiosos modernos, racionalistas e críticos, e não estudiosos evangélicos. Enquanto esperava a tese literária de Noth de um historiador deuteronomista, von Rad discorda da visão de Noth sobre o objetivo ou propósito do mundo. Central para a visão de von Rad da história Deuteronômica é a teologia da "Palavra de Deus" - sua terminologia - que ele encontra nela. Esta palavra é proclamada primeiro em Deuteronômio e depois repetida no restante do material. O que acontece é o efeito dessa palavra suficiente. É o funcionamento desta palavra que faz da história uma *heilsgeschichte*, “a história da salvação”. *Heils geschichte* é um termo alemão para a “história da salvação”. Essa palavra, no entanto, é tanto condenatória (como visto em maldições como Deuteronômio 28:15 e seguintes) quanto libertadora (como visto na promessa messiânica de 2 Samuel 7). Ambos são igualmente eficientes na história. O que aconteceu e o que acontecerá na história de Israel depende dessa palavra dupla, que ele vê basicamente como lei e evangelho, e não dos próprios eventos. Por isso, a história de Israel está aberta para o futuro. O final de 2 Reis deixa espaço para o possível cumprimento futuro da promessa messiânica.

A história deuteronomista, então, não tem um propósito negativo apenas como com Noth, mas está aberta à possibilidade da restauração da casa davídica. A visão de Von Rad parece fazer justiça ao conteúdo de Josué até Reis melhor do que a de Noth; no entanto, sua

abordagem envolve uma série de suposições que roubam o valor verdadeiro e permanente do material para nós como algo em que podemos fundamentar e fortalecer nossa própria fé. Eu acho que isso é importante. Para Von Rad *historie* e *heilsgeschichte*, dois termos alemães se referem a dois tipos diferentes de história. *Heilsgeschichte* é “história da salvação” e *historie* “história” no sentido do que aconteceu. *Heilsgeschichte* não é história no sentido do que aconteceu: é uma história acreditada, uma história confessada. *Historie* é história no sentido do que aconteceu. Para von Rad, *heilsgeschichte* e *historie* estão nitidamente desconectados. Seu interesse não está na *história*, no que aconteceu, mas no *heilsgeschichte confessional* que ele encontra nas narrativas históricas do Antigo Testamento. Em última análise, isso significa que as narrativas históricas de Josué a 2 Reis não nos dizem muito sobre o que realmente aconteceu. Eles nos contam o que um certo teólogo vivendo no exílio acreditava sobre o significado teológico do passado de Israel e quais implicações isso pode ter para o futuro.

Por exemplo, ao falar do suposto padrão obrigatório de unidade cultural, que é aplicado a todos os reis do período do reino pelo historiador deuteronomista, a visão de alguém como von Rad, na verdade, é uma visão generalizada, é este escritor tem esse ideal de que Deuterônomo exigia a centralização do culto. Havia apenas um lugar legítimo de adoração, e esse era Jerusalém. Todos os reis de todo o período seriam avaliados se estavam ou não em conformidade com esse padrão de centralização do culto.

Agora, a abordagem deles assume que a ideia de centralização da adoração não surgiu até a época de Josias e do livro de leis que foi encontrado no templo ali. É supostamente compilado durante o tempo de Josias e supostamente Mosaico - quando na verdade não era - com o propósito específico de concentrar o poder em Jerusalém pelos profetas e sacerdotes de Jerusalém, confinando toda a adoração legítima em Jerusalém. De acordo com o esquema de von Rad, isso remonta a Wellhausen: aquele movimento na história de Israel de muitos locais de adoração para um único local de adoração culminou na época de Josias. Então você vê o que está acontecendo aqui: ao falar do “alegado padrão obrigatório de unidade cultural que é aplicado a todos os reis do período do reino pelo

historiador deuteronomista”, von Rad diz, “reconhecidamente era desconhecido no período monárquico”. Essa é a demanda por centralização do culto porque não veio até 621 aC.

Além disso, ele diz: “Em todos os períodos da história, o passado é sempre, até certo ponto, mal avaliado pela aplicação subjetiva de padrões que se tornaram obrigatórios em uma era posterior”. Isso é o que ele está dizendo que aconteceu durante toda a história. Este padrão tardio foi aplicado a reis que viveram antes da época em que o padrão existia. Estão sendo julgados por um padrão que nem existia na época em que viviam. Ele diz: “Em todos os períodos, o passado é sempre, até certo ponto, mal avaliado pela aplicação subjetiva de padrões que se tornaram obrigatórios em uma era posterior”. No entanto, ele continua dizendo que: “Esta citação não significa que possa haver qualquer dúvida sobre a correção objetiva e, na verdade, da necessidade de fazer tais julgamentos”.

Observe que a objetividade é atribuída ao julgamento do teólogo, não à facticidade dos eventos relatados. Acho que esse é o problema dele. Se você vai falar sobre objetividade de alguma forma que seja significativa, parece-me que você deve falar sobre a objetividade dos fatos. Ele não está falando de fatos no sentido do que aconteceu. Ele está falando sobre a objetividade desse julgamento, que é a aplicação subjetiva da lei antes dela existir. Ele está tentando obter algum tipo de objetividade em algo que obviamente não é isso, pelo menos pelo que entendo do que ele está dizendo.

Ele fala ainda das “deficiências óbvias da escrita histórica do historiador deuteronomista (*Teologia do Antigo Testamento* , p. 336). Ele diz: “O deuteronomista não tinha mais à sua disposição padrões sólidos para muitos dos eventos do passado, mas sua preocupação é apenas com o significado teológico dos desastres que aconteceram nos dois reinos. É essa preocupação que provocou essa perspectiva sobre a história”.

Em outro lugar , von Rad fala do historiador deuteronomista trabalhando com uma ampla variedade de materiais tradicionais. Ele diz: “Frequentemente, esse material não se acomoda prontamente à atitude teológica básica do deuteronomista. Por exemplo, o material pertencente à aliança davídica”, diz von Rad, “é totalmente não-deuteronomio.

Mas o historiador Deuterônômio não o excluiu por causa disso.”

História Deuterônômica Versus Aliança Davídica A razão pela qual não é deuterônômica é que o material sobre Davi é positivo. A ideia é que as pessoas influenciadas por Deuterônômio eram contra a realeza porque a realeza violava inerentemente a realeza do Senhor. O material sobre Davi é positivo, portanto não se encaixa na teologia deuteronomista.

Eu acho que é uma interpretação errada em si, mas é assim que ele está lendo. O que ele diz é: “Esse material da aliança davídica é totalmente não-deuterônômio, mas o historiador deuterônômico não o excluiu por causa disso. Isso reflete a ideia de que há um conflito básico entre as alianças mosaica e davídica, cada uma refletindo uma tradição diferente e interesses diferentes”. Essa é a visão de von Rad. Você tem duas tradições diferentes aqui que não devem ser harmonizadas, então você coloca um conflito entre a aliança do Sinai e a aliança davídica.

Ele diz em *O Problema do Hexateuco*, “Ao assumir esta tradição fortemente estabelecida, o Deuteronomista se afastou imediatamente de seu clima nativo do livro de Deuterônômio, de onde se originou seu ponto de vista teológico. A ampla extensão em que o deuteronomista emprega suas tradições mostra que as tradições deuterônômicas não poderiam manter suas bases aqui. A concepção messiânica, obviamente muito poderosa, invadiu-a e exigiu ser ouvida.” Portanto, este escritor, trabalhando com essas diferentes tradições, era tão forte que não foi capaz de excluir as coisas davídicas, então ele tenta incorporá-las, mas está em tensão contra a teologia deuterônômica; pelo menos essa é a opinião de von Rad.

Quando alguém entende a atitude negativa de von Rad em relação à historicidade das narrativas históricas de Josué até Reis, é forçado a concluir que sua ênfase no funcionamento da palavra de Deus na história de Israel [e ele frequentemente fala sobre isso], não é algo que tem uma realidade conforme relatado, mas sim é uma construção teológica do teólogo deuteronomista. O funcionamento da palavra de Deus é realmente

apenas uma construção do teólogo deuteronomista na visão de von Rad.

Análise de Vannoy de *Historie versus Heilgeschichte* Acho que você pode pegar muito do que ele diz sobre a palavra de Deus e sua função de maneira legítima e realmente aprender algo com isso - se você puder separá-lo de sua construção que lhe dá um aspecto totalmente diferente significado. Essa divisão entre *heilsgeschichte*, “história confessional”, e *historie*, no sentido de história ou coisas que realmente acontecem, é o maior problema com a abordagem de von Rad à literatura do Antigo Testamento. Embora muito possa ser aprendido com a análise teológica de von Rad do Antigo Testamento, deve ser extraído dele e transposto para uma abordagem que evite o conflito inerente que o sistema de von Rad promove entre a verdade histórica e a verdade religiosa. Para von Rad, a verdade histórica e a verdade religiosa funcionam em dois níveis diferentes. Parece-me que o modelo bíblico é que a verdade religiosa é fundada na verdade histórica; os dois trabalham juntos.

Mas von Rad está dando uma construção teológica. Ele está simplesmente atribuindo referências históricas ao escritor que viveu no exílio e esse escritor está representando a história de Israel de tal forma que a palavra de Deus teve um papel e função proeminentes na determinação do curso da história de Israel enquanto ele a escrevia. Mas é uma história confessada; é uma construção teológica. Ele não está falando sobre algo que realmente aconteceu na realidade nesse sentido.

Transcrição de Nathan Leivad, Peter Lee, Moriah O'Neil, Valerie Plichta, Erika Sanderson,
Charaliz Isaac e editado por Peter Story
Rough editado por Ted Hildebrandt
Edição final pelo Dr. Perry Phillips
Re-narrado pelo Dr. Perry Phillips